LEONARDO BOFF E AS TEORIAS DA LIBERTAÇÃO COMO FUNDAMENTO PRAXIOLÓGICO PARA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE: O CUIDAR EM PERSPECTIVA

Camila Vaz ***Abeche***[1]

Thiago ***Domingues***[2]

RESUMO

O objetivo é tecer articulações críticas entre conceitos como o cuidar de profissionais de saúde pela ótica de Leonardo Boff e outras teorias da libertação. O método adotado foi delineamento qualitativo, tendo Leonardo Boff como principal referencial teórico. Esta pesquisa revelou que ainda se faz presente na sociedade ocidentalizada crenças colonialistas que mantém o processo de marginalização de determinados grupos culturalmente oprimidos em momentos de cuidar na saúde, o que favorece as vulnerabilidades sociais de determinados grupos, sendo assim, é urgente a construção nestes espaços a conscientização de um cuidado mais libertador. Pretendeu-se contribuir para discussões no âmbito acadêmico que estejam sensibilizadas com o cuidado enquanto um eixo estruturante e centralizador de um paradigma para profissionais da saúde e que seja compatível com as especificidades da realidade latino-americana, vislumbrando a ressignificação de outros projetos de com-vivência, civilização e práticas em saúde

Palavras-chaves: Cuidar; Profissionais de Saúde; Leonardo Boff.

ABSTRACT

The objective is to weave critical connections between concepts such as healthcare for health professionals from the perspective of Leonardo Boff and other liberation theories. The method adopted was a qualitative design, with Leonardo Boff as the main theoretical reference. This research revealed that colonialist beliefs are still present in Westernized society, maintaining the process of marginalization of certain culturally oppressed groups during moments of healthcare, which favors the social vulnerabilities of specific groups. Therefore, it is urgent to foster awareness in these spaces for a more liberating form of care. The aim was to contribute to academic discussions that are attuned to care as a structuring and centralizing axis of a paradigm for health professionals, compatible with the specificities of Latin American reality, envisaging the re-signification of other projects of co-existence, civilization, and health practices.

Palavras-Chaves: Caring; Health Professionals; Leonardo Boff.

[1] Doutora em Psicologia da Saúde pela UMESP (2025). Tem mestrado em Psicologia da Saúde pela UMESP (2016). Experiência em saúde pública. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9183-5115

[2] Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) . Pós-graduado em Filosofia (UMESP) psicólogo e supervisor clínico. ORCID: https://orcid.org/00090000-4147-9271

INTRODUÇÃO

Parece consenso que os profissionais da saúde tenham em sua formação um olhar atravessado pelas sombras do modo de subjetivação neoliberal e colonial, uma lógica que incide sobre a naturalização e banalização das diversas formas de violência e a atrofia da dimensão positiva e imaginativa do cuidado em suas práticas cotidianas de trabalho. A própria noção de saúde, dentro desse panorama, foi reduzida aos arranjos mercadológicos, colonizadores, assim como sua concepção organizada hierarquicamente a partir dos valores biomédicos, intervencionistas ou hospitalocêntricos, capitalizando o cuidado a partir da lógica mercantil a exemplo das atuais consolidações das velhas práticas asilares ou manicomiais.

O presente artigo tem como objetivo propor críticas a essa realidade, oferecendo contramodelos baseados nas teorias da libertação, em especial as propostas advindas do teólogo brasileiro Leonardo Boff, que oferecem um horizonte alternativo de ação pois contemplam as especificidades da realidade latino-americana. Este é um processo de reflexão necessária e urgente, visto que os profissionais de saúde ainda repetem os conhecimentos eurocêntricos, o que consequentemente marginaliza a maioria da população, que tem seus corpos e culturas dominadas pela lógica colonialista (DUSSEL, 1993).

A exemplo dessa realidade percebe-se que muitos profissionais da saúde estão alinhados com uma ética colonialista, assim como estruturas rígidas em que compreendem, por exemplo, a mulher como figura representativa do pecado, quando necessitam de intervenções e cuidados relacionados ao corpo, a exemplo da temática do aborto (GESTEIRA et al., 2008). Por isto que é importante pensarmos o quanto a formação dos profissionais da saúde oferece condições para formular a prática profissional tendo em vista as especificidades da realidade brasileira ou latino-americana, de forma a acolher/compreender as necessidades destas populações considerando as diversidades sociais e culturais, também alinhadas com os paradigmas dos Direitos Humanos.

Quando pensamos em sujeitos que tem seus corpos e pensamentos controlados, não podemos deixar de pensar em como a Igreja Católica, em sua expressão moral e desarticulada do compromisso ético do arcabouço bíblico violentou

mulheres, que foram junto ao povo negro escravizado e indígenas considerados como seres inferiores (BOFF, 1994, p. 72)

Assim, quando pensamos na vida das mulheres, podemos perceber que há muitas gerações em suas trajetórias que são marcadas por opressões e violências que foram perpetuadas pelo legado de uma sociedade colonialista, pela lógica do poder em espaços de saúde, negligenciando cuidados e controlando seus corpos e destinos (BRITO; SILVA, 2022), mantendo-se assim um cuidado hegemônico e focado em uma perspectiva eurocêntrica.

Esta também é uma crítica realizada por Martin-Baró (2017) quando reforça a importância da psicologia se libertar dos processos colonialistas e imperialistas. É assim que os estigmas e preconceitos às mulheres racialiazadas e pobres ainda são vistas como objeto de desejo e controle está enraizada desde o processo de formação da nossa sociedade colonialista, perpetuando, infelizmente, nossas raízes, que muitas imperialistas, pois ainda entende que determinados grupos são sinônimo de criminalidade ou pecado.

Desta maneira, a violência torna-se legitimada pelo viés institucional-médico no campo da saúde, pois esta se encontra no lugar de poder e domínio sobre o corpo, a sexualidade e os desejos das mulheres em detrimento da libertação integral, como ocorre em mulheres em momentos de parto.

> Assim, o discurso médico é concebido como o discurso da verdade e seus profissionais aparecem como uma das autoridades mais importantes do nosso tempo. Isto tem consequências vitais, porque o discurso médico assume um poder institucional privilegiado, além da legitimação social para administrar e governar a vida. (SERRA; BATALHA, 2019, p. 86).

Trata-se de inúmeras nuances de violências que ainda são naturalizadas no campo da saúde, especialmente contra mulheres negras, trans, indígenas e periféricas, que dentro dessa perspectiva são vistas como sujeitos desprovidos de noções de autocuidado e por isso reeditam nesses contextos a sombra compulsiva e institucional do cuidado: o controle, a domesticação da sexualidade e a atrofia do desejo. Estas violências institucionais no campo da saúde representam uma forma de ética colonial, em que os profissionais se colocam no espaço de saber supremo sobre o outro que é considerado inferior, não pela compaixão, mas pela coerção, como mostrou o caso de Alyne Pimentel que morreu em decorrência de negligência média (CATOIA et al., 2020).

Para quem são os Direitos Humanos?

Diante do cenário exposto, onde a conjugação da perspectiva mercadológica com a lógica colonial confere irrestrita abertura aos domínios da violência (no campo da saúde), os Direitos Humanos surgem como promessa de instância de regulação e definidora de relações mais íntegras e menos predatórias. Mas será isso verdade?

Entretanto, quando pensamos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, precisamos considerar que esta se coloca a serviço de uma suposta universalização da igualdade, mascarando e invisibilizando as desigualdades sociais que precisam ser sensibilizadas em vistas de sua superação.

Apesar de termos a Constituição de 1988 que nos protege e nos garante acesso aos direitos universais como saúde, educação, liberdade de pensamento, segurança, entre outros direitos, é preciso refletir que estas não são garantidas a todos os grupos sociais, especialmente grupos periféricos, racializados e povos tradicionais e quilombolas, visto que é necessário pensarmos que este é um documento que foi construído por homens brancos para grupos privilegiados (BRAGA, 2016).

Neste sentido, epistemologias eurocêntricas desenvolvidas no início do século XX, foram incorporadas como condutas-padrão à cultura latino-americana, difundindo ideologicamente os modelos de vida europeus ou norte-americanos, como nos mostra alguns autores da libertação como Enrique Dussel em "1492: O Encobrimento do Outro: O Mito da Modernidade" (1993), quando retrata de maneira critica o processo de anulamento e invisibilidade de sujeitos colonizados, sendo o padrão "universal" o europeu, retratando o mito da "modernidade" que se fez a partir de uma "violência sacrificial muito particular, e ao mesmo tempo, um processo de "em-cobrimento" do não europeu" (DUSSEL, 1993, p. 08).

É por isto que não podemos dizer que os Direitos Humanos contemplam toda a sociedade, pois está ainda vive pautada em padrões europeus, em que o sujeito "verdadeiramente digno" deve contemplar as formas da branquitude, especialmente quando estamos diante de governos autoritários que legitimam um Estado que "caminha" em aliança com uma necropolítica de corpos considerados descartáveis (MBEMBE, 2014).

> É válido destacar que o termo discriminação, surge apenas duas vezes, ambos em discursos de Jair Bolsonaro. No primeiro, para se referir ao seu compromisso com uma sociedade sem discriminação ou divisão, e no segundo para se referir a discriminação contra missionários e minorias

> religiosas. Em nenhum dos discursos há menção às discriminações decorrentes das questões raciais e/ou de gênero e sexualidade. (KIRILLOS; SIMIONI, 2022, p.1885).

São estes valores colonialistas que não comungam de força imaginativa para recriação de um mundo e de práticas horizontais de cuidado a partir do alcance comunitário, ecológico ou intercultural, e mesmo não dando conta das nuances e perspectivas sociobiocêntricas dos povos andinos ou amazônicos, por exemplo, ainda protagonizam o triunfo do eixo econômico como modelo organizador da vida e das relações.

Importa ressaltar, que dentro dessa lógica, o Estado também se ramifica como violador de direitos de grupos minoritários e da natureza, com isto a Declaração Universal dos Direitos Humanos não se contempla em sua magnitude, deslocando as dimensões do cuidado e da garantia de direitos para seu oposto radical, a violência institucional, a burocracia estatal, o cinismo e o desamparo.

Com isto é importante refletirmos em que medida os Direitos Humanos realmente protege (ou não) as populações mais pobres e oprimidas, em espaços de saúde. Todo este processo histórico de opressão aos grupos minoritários, assim como, sociedades que foram durante séculos colonizadas e violentadas, se faz necessário repensar uma nova Ética, a Ética da Libertação (DUSSEL, 2000).

Desta forma, somos então levados a questionar: para quem os profissionais da saúde usam suas crenças psicológicas e valores epistêmicos para legitimar o cuidado? Não seriam essas práticas seletivas que fundamentam em seu bojo a inferiorização ou exclusão como forma de violência?

Somos levados a considerar que há uma percepção que ainda se perpetua pela correção/punição destes sujeitos que não se enquadram a partir dos valores orientados pela perspectiva da visão biomédica, como mostrou pela história dos tratamentos de psiquiatria, nos presídios e por que não dizer também nos sistemas institucionais como nas escolas e em espaços de saúde. (FOUCAULT, 2008, p. 22).

A ótica do Biopoder se mantem ainda como forma institucionalizada de perceber e atender populações mais vulneráveis, como mulheres em situação de violência, visto que alguns estudos (MOREIRA et al., 2020) tem mostrado que muitos profissionais não são treinados e habilitados para perceberem este tipo de demanda, e com isto, trazem uma perspectiva mais moralista

Um dos grandes estudiosos da questão colonial na cultura, Homi Bhabha, que já foi Reitor da Universidade de Harvard, tendo no desenvolvimento de seu trabalho sobre os estereótipos culturais, recebido influências de Michel Foucault e Franz Fanon. O autor faz uma importante conceituação sobre os estereótipos e os processos de dominação e exclusão que são construídos socialmente (BHABHA, 1998, p. 107)

Bhabha (1998, p. 113) também discute de forma importante as relações que são construídas, como as formas de poder e conhecimento, o que fica claro nas relações, tornando-se visível a falta de simetria entre os sujeitos, o que reverbera para uma submissão de determinados povos, que a partir de alguns estereótipos são colocados no lugar de selvagens.

Com isto, há que se pensar em uma proposta de desobediência epistêmica, na qual possamos assimilar e transgredir esses valores que nos acompanharam em nossa formação, em direção à um encontro criativo com o giro decolonial oxigenando diretrizes e concepções que orientam as práticas de saúde. Nós, latinos, ou como muitos dirão, colonizados, devemos buscar nosso espaço de fala, reconhecimento e a humanização nos cuidados em saúde que devem se vincular à uma ética libertadora (DUSSEL, 2000).

Assim, da mesma forma que a religião foi usada de maneira perversa, ela também pode ser instrumento para conscientização sobre a opressão e da necessidade de reencantar o mundo. Esta libertação pode acontecer em duas vias paralelas e não contraditórias sendo elas o trabalho agônico do ganho individual de consciência, da mística que nos conecta com a realidade em suas nuances simbólicas e interdependentes e também na organização coletiva com grupos que entendam que a libertação é possível com uma nova visão sobre a fé, que não seja fatalista, mas libertadora (BOFF, 1994)

Essa reflexão que vincula o cuidado com a libertação possibilita uma análise sobre a formação de vínculos, algo indispensável ao profissional da saúde das mais diferentes áreas. Se nas sociedades industriais o compromisso é a mercantilização e verticalização dos vínculos, a partir da vocação libertadora do cuidado os vínculos são restaurados e personificados, instaurando caminhos entre as dimensões objetivas e subjetivas da realidade, contrapondo a indiferença como valor regente à experimentação original da mística que a todos solidariza e congrega.

O Cuidado como Imagem e Cosmovisão

Aqui se inscreve o compromisso técnico-afetivo deste trabalho a partir do resgate da dimensão do cuidar como um *ethos* fundamental encontrada no livro de *Saber Cuidar* (BOFF, 2004) onde o autor estabelece, a partir do Mito do Cuidado, os caminhos para a concepção de novas práticas e reflexões existenciais a partir do modo-de-ser-cuidado protagonizando a importância do mito enquanto um elemento pedagógico a fim de despertar a humanidade para uma nova cosmovisão, centralizada no cuidado. Desta forma, a fim de apresentarmos ao leitor o *Mito do Cuidado*, que norteará este trabalho, deixemos aqui a versão original, cujas origens remontam à Higino (I A.C.).

Como sabemos, os mitos guardam valores essencialmente humanos. Eles revelam convite a um jogo estético, antagônico (e complementar), às exigências da razão analítica e a iniciação ao mundo da metáfora, a exaltação da beleza e dos símbolos. Se a essência do homem é a linguagem, aprendemos com Heidegger a importância de uma experiência autêntica com esta, e porque não dizer as linguagens mitológicas, enquanto uma atualização acerca da compreensão do mito como metáfora das dimensões profundas do humano e matriz prenhe de sentido das experiências ancestrais de transformações antropológicas, sociais e psicológicas.

Se o mundo é a projeção de uma consciência, falar de cuidado, mito e transformação no âmbito do pensamento geral contemporânea é voltar os olhos para a garantia de um *atravessamento* desta experiência de renovação e enriquecimento para que uma nova consciência do cuidar seja de fato compreendida. “Falar de filosofia nesses termos é ver a filosofia como transformacional (UNDERWOOD,2001, p. 249)”. Todo este esforço faz-se necessário no sentido de resgatar a coparticipação de uma vocação mítica do filosofar.

No âmbito da filosofia contemporânea, Leonardo Boff nos lembra que foi Martin Heidegger quem protagonizou a discussão acerca do cuidado, principalmente na primeira parte do seu “Ser e Tempo”, chegando a estabelecer o cuidado como um fenômeno ontológico fundamental (BOFF, 2004, p.52) Desta forma, podemos definir o cuidado como modo-de-ser e um estágio de envolvimento afetivo com o outro.

Considerando a problemática evidenciada nas linhas acima e nas hipóteses para este trabalho, Leonardo Boff nos instiga a pensar a dimensão do cuidado também alinhado com um paradigma de saúde cuja tônica seja o eixo estruturador de um

projeto de *com-vivência* baseado na combinação de elementos como fantasia com a razão analítica, a imaginação com a técnica e a integração cada vez mais constante do ser humano com a natureza (BOFF,2002, p.40).

A compreensão dos aspectos de ciência e arte do cuidado ajudam-nos a elaborar esta dinâmica a partir dos elementos que foram sistematicamente separados e dissecados pela tradição colonial, agora poderiam ser reagrupados e integrados "no horizonte de uma imensa comunidade cósmica" (BOFF,2008, p. 44).

Leonardo Boff nos lembra que os modelos atuais de socialização, cujas tradições de uma vivência interdependente e solidária foram subjugadas pelo individualismo e autossuficiência, é com a cosmovisão orientada a partir do mito, do princípio que auxilia na superação do automatismo, que será possível resgatarmos a veneração e a hierofania dos atos e objetos, já que estas imagens têm perdido a sua capacidade de integração e mobilização.

A tendência de desenvolvimento oriundo dos interesses coloniais, a partir dos fenômenos advindos da industrialização como a reorganização do tempo e das relações sociais, implicou na institucionalização radical dos imperativos mercadológicos e mecanicistas, permeando a vida cotidiana enquanto um projeto de saúde alinhado com as coerções da sociedade do desempenho e a influência segmentária, patriarcal e padronizadora como um modo de vida a ser valorizado culturalmente.

Não há dúvidas de que a compreensão dos tentáculos que sustentem a sociedade em que vivemos seja importante, e por isso mesmo indispensável tarefa da razão. As sociedades baseiam-se na existência de certas forças produtivas, condições geográficas, climáticas, técnicas de produção e tantos outros elementos que considerados do ponto de vista ideológico desvelam a vida de sua totalidade e espontaneidade, reforçando a artificialidade como forma de existência, já que estes não estão convencidos de que a existência de maneira unilateral levará ao caos e a destruição (FROMM, 1966, p.15-17).

Os aparelhos ideológicos e os demais mecanismos de repressão estatal e de controle dão o contorno da vida enquanto uma densa massa homogênea, penetrando em todos os poros da subjetividade moderna como uma resposta à dificuldade de distinguir dos valores pessoais e autênticos daqueles institucionais. À medida que a vida das pessoas se liga às instituições, organizações, formas de produção,

subjetivação e consumo a vida humana passa a ser obrigada a desobstruir e superar estes valores inautênticos a fim de redescobrir os valores humanos e sociais também enquanto possibilidade de refletir e produzir saúde nesses contextos.

As Ressonâncias do Cuidar na Obra de Leonardo Boff

Assim como o cuidado, pode-se dizer que Genézio Darci Boff, ou atualmente apenas Leonardo Boff, desdobra-se em inúmeras paisagens e composições. Seria difícil abordar os diversos "Leonardos" encontrados em um pensador tão uniforme quanto plural e que flui transversalmente sobre temáticas, situações e acontecimentos. Como uma luz saída do chão, apontando caminhos em meio à escuridão que acompanha nosso tempo, as contribuições de Leonardo Boff a esse cenário são inúmeras.

Acompanharemos em suas obras as contribuições do pensador brasileiro sobre o cuidado por entender que esse conceito-experiência ancora possibilidades criativas de transformação do sujeito e da redefinição da ética como possibilidade de libertação e de inclusão daquilo que historicamente foi excluído: o pobre, o feminino e a terra. Entendemos que esses elementos quando integrados em sinergia podem oferecer ao profissional da saúde um vasto campo de trabalho a partir de uma ecologia integral do ser e um compromisso de trabalho sob o paradigma da libertação, da sacralidade e da convivialidade

O compromisso de um pensador orgânico cujo maior engajamento é o ser humano e a realização integral do casamento entre *Eros e Agape*[3], dos ideais de liberdade e a luta pela garantia da participação coletiva de forma democrática, sempre com a opção do engajamento pelos mais pobres e marginalizados.

A esta influência é possível reconhecer a coerência e ressonância conforme seu histórico como membro da Ordem dos Franciscanos, e por isso torna-se evidente, a partir da inspiração do arquétipo e da mística cósmica de Francisco de Assis (Boff, 2008, p.67) a preocupação na inclusão social dos menos favorecidos e na manutenção de uma sociedade progressivamente mais inclusiva e acolhedora.

Desta maneira, procuraremos centralizar neste trabalho nossa análise sobre o que é conhecido como a terceira fase de produção de Leonardo Boff e onde se

3 " O Eros como já consideramos está na raiz da experiência franciscana de fraternidade com todas as coisas. [...] O Agape, amor cristão, não recalca o Eros, nem simplesmente o sublima, mas radicaliza seu impulso originário até atingir o fundamento e o fascínio de todo amor que é Deus se autodoando em e por todas as coisas" (BOFF, 1981: 51).

encontra nitidamente a preocupação fundamental e as discussões acerca da noção e ressonâncias do cuidado, isto é, as produções teóricas situadas a partir do ano de 1990 e que tem como um dos marcos fundamentais a cocriação da Carta da Terra[4]·. Por mais que essenciais em sua composição e compreensão biográfica, deixaremos de fora destas linhas o rompimento de Boff com a Igreja Católica e suas estruturas formais após a condenação ao "silêncio obsequioso" por parte das condições internas do Vaticano, inaugurando a possibilidade de um desdobramento futuro para este trabalho.

Falaremos brevemente sobre as relações de Leonardo Boff com a gênese da Teologia da Libertação e a influência do contexto sociopolítico na América Latina para a virada paradigmática em suas obras, que visa valorizar não somente o combate pelas injustiças sociais, mas a defesa por todas as formas e expressões de vida.

Em suas produções intelectuais do início da década de 1970, ainda vinculado à Igreja Católica, percebe-se claramente a intenção de consolidar a Teologia da Libertação[5] como um processo de libertação social a partir dos ritos e da fé.

Do ponto de vista teórico, tomam cada vez mais corpo, por conta do cenário político brasileiro e principalmente por conta da ditadura militar, além da implantação libertária das comunidades eclesiais de base (CEBs) e intensa atividade política. Neste momento fica evidenciada a adesão teórica ao marxismo[6] e a consolidação da chamada "esquerda católica", assim como a preocupação cada vez mais latente em suas obras a respeito da análise dos discursos e ideologias.

---

4 "Os grandes capítulos [da Carta da Terra] são: respeitar e cuidar da comunidade de vida; integridade ecológica de todos os seres, não só seres humanos; justiça social e econômica, e o quarto democracia, não violência e paz. [...] E eles me pediram que escrevesse um gran finale. Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência diante da vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça, pela paz e pela alegre celebração da vida..." Conf. BOFF, Leonardo. Leonardo Boff recebe Nobel Alternativo. Site da ADITAL – Notícias da América Latina e Caribe. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=1922 Acesso: 20\07\2016.

5 Neste ponto é importante ressaltar a expansão e importância do movimento em toda América Latina e como sua gênese foi fortemente influenciada pelo viés político de suas atuações. " Este movimento, que poderíamos chamar de cristianismo da libertação, nasceu no curso dos anos 60, com a primeira esquerda cristã brasileira (1960-62) e com o sacrifício de Camilo Torres, o padre guerrilheiro morto em combate em 1966. Encontrou sua expressão religiosa mais avançada na teologia da libertação, a partir de 1971, ano da publicação das obras pioneiras de Gustavo Gutierrez e Hugo Assmann. Enfim, forneceu boa parte dos militantes e simpatizantes da Frente Sandinista, da FMLN salvadorenha e do Partido dos Trabalhadores brasileiro". Conf. LOWY, Michael. A teologia da libertação acabou? Site da Fundação Perseu Abramo. Disponível em: http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/teologia-da-libertacao-acabou. Acesso: 20/07/2016.

6 Sobre a relação dos "cristãos marxistas" e a integração dos elementos da teoria de Marx é interessante a análise de LOWY: "A descoberta do marxismo pela esquerda cristã não foi um processo puramente intelectual ou universitário. Seu ponto de partida foi um fato social evidente, uma realidade massiva e brutal no Brasil: a pobreza. O marxismo foi escolhido porque parecia oferecer a explicação mais sistemática, coerente e global das causas desta pobreza e, ao mesmo tempo, uma proposta radical para sua supressão. Para lutar de forma eficaz contra a pobreza, e superar os limites da visão caritativa tradicional da Igreja, era necessário compreender suas causas". Conf. LOWY, Michael. Contribuição da Teologia da Libertação: Michael Lowy. Site Leonardo Boff. Disponível em: https://leonardoboff.wordpress.com/2013/01/10/contribuicao-da-teologia-da-libertacao-michael-lowy/. Acesso: 20/07/2016·

> A Teologia da Libertação tentou, com sucesso, mostrar que a fé judaico-cristã pode ser um elemento de mobilização social em função de mudanças profundas na sociedade que tragam mais justiça para todos, mais participação para os marginalizados e mais dignidade para os injustamente humilhados. A revolução não é monopólio do marxismo e das tradições políticas contestatórias (BOFF, 2002, p. 91).

De fato a Teologia da Libertação ultrapassou o seio cristão para encarnar uma fé legítima de afirmação à espiritualidade e o despertar de uma religião do povo, de maneira a descentralizar na América Latina a preocupação com o destino humano sobre o planeta Terra e a fundamentação consistente para uma metafísica exigida para uma filosofia da libertação orientada a partir da noção de *poiesis* e na crítica aos valores eurocêntricos, matematizantes e essencialmente funcionalistas e que favoreçam o desvelar de uma práxis de libertação que operativize e contemple os "povos oprimidos da periferia, a mulher violada pela ideologia machista e o filho domesticado" (DUSSEL, 1977, p.21).

É motivo de evidenciarmos aqui os desdobramentos da noção de *libertação,* isto é, como o desenrolar das inúmeras condições históricas, como por exemplo a violação de direitos, a privação das liberdades individuais, os golpes de estado e as ditaduras na América Latina, tornaram-se terras férteis para surgir em outros campos singulares, importantes compressões acerca do protagonismo de um movimento de filosofar latino-americano o que ocorreu, anteriormente, no bojo da pedagogia, com Paulo Freire, assim como traz Boff (2008, p. 11) . Neste ponto os saberes, sincronicamente, dão as mãos para somar em conjunto uma motivação "principal do ato de libertar- o objetivo é libertar o(s) sujeito(s) da opressão real, ainda que para isso seja etapa necessária a denúncia da irracionalidade do discurso opressor" (PANSARELLI, 2010, p. 191).

Refletindo sobre os sentidos da *libertação* encontramos uma relação de estreita proximidade com o *cuidado.* Vemos que esta relação é possível já que vigora a preocupação empática com o outro, passando a redimensionar os efeitos da ação humana no planeta e o cuidado como a lógica central das relações, superando os efeitos da auto padronização e a ideologia dos termos lineares e naturalizantes, como por exemplo da violência, indiferença e reprodutibilidade dos termos da vida. "O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio instaurador de um novo paradigma de convivialidade" (BOFF, 2004, p.13).

É sempre bom lembrar que a emergência da libertação surge em um contexto fortemente marcado pelo reconhecimento e indignação do sofrimento em sua corporalidade nas comunidades marginalizadas, tendo então a *libertação* um caráter de sonho, do renovar da esperança[7] e utopia no campo político para o povo, no sentido de oferecer novas possibilidades e legitimidade políticas e existenciais aos grupos dominados e classes exploradas, como nos salienta DUSSEL (1977, p. 104)

Como apontamos acima, este foi o cenário encontrado por Leonardo Boff para o desenvolvimento de seu percurso teórico, e que ao mesmo tempo funda-se com sua trajetória de vida. A crise sistêmica é a exigência para um novo projeto de civilização, um método de questionamento salvaguardando as virtudes e os princípios fundamentais que garantam, a partir da ética da sustentabilidade e da justiça social não somente alternativas para um futuro para a humanidade, mas o compromisso de que os espaços de saúde sejam inspirados pelo compromisso de fazer brotar valores ressoantes do cuidado, ultrapassando dicotomias racionalizantes que mutilam a experiência afetiva do encontro.

> Em suma, a crise em que se situa a discussão sobre a saúde é simultaneamente crise de modelos, crise de paradigmas, crise do quadro epistêmico, crise das cosmovisões e crise das modalidades do sentir (SCHRAMM, 1996, p.187).

A partir dos anos de 1990 entra em cena o campo da ecologia social e uma motivação ainda maior para lidar com a interdisciplinaridade de temas na contemporaneidade e a eclosão de um novo sistema de reflexão na exigência de uma *Ética Planetária*. Desta forma, o paradigma ético-ecológico propõe o resgate da necessidade do cuidado como uma cosmovisão orientada a partir da solidariedade e espiritualidade, dialogando e integrando os aspectos da *libertação,* porém*,* conjugados e alinhados com ecologia, utopia, justiça, ternura e liberdade (BOFF, 2008, p. 12; BOFF, 2002, p. 85)

Ao abordar de maneira tão enfática as dimensões do cuidado como o imperativo maior para uma *Ética Planetária,* Leonardo Boff retoma a tradição inaugurada por Francisco de Assis e Carl Gustav Jung no sentido de protagonizar a dimensão arquetípica do feminino (anima), como um dos meios de operar o cuidado de forma eficiente nas relações, superando a racionalidade retificadora e o sistema

7 Em sua obra " A Revolução da Esperança" Erich Fromm oferece uma definição interessante, do ponto de vista do potencial humano: " Outra definição de homem seria Homo esperans- o homem esperançoso. [...] Se o homem abandonou toda a esperança, ele cruzou os umbrais do inferno- quer saiba ou não- e deixou atrás de si toda a sua humanidade (FROMM,1969. p. 73)

galvanizado de controle e acumulação, que ainda operam como categoria unidimensional nas relações e que também pode possibilitar ao profissional da saúde uma compreensão libertadora no âmbito de suas práticas.

> O *feminino*, no homem e na mulher, é um princípio que origina em nós a percepção da totalidade, nos permite ver símbolos nas coisas e ritos nos atos, nos faz cultivar o espaço do mistério do mundo, nos inclina ao enternecimento e ao cuidado e nos torna mais cooperadores que competitivos. O resgate da *anima* (feminino) é fundamental para colocar a vida no centro de tudo e para fundar uma relação não utilitarista, mas afetuosa com a realidade envolvente (BOFF, 2002. p.85)

É com a percepção do feminino, deste arquétipo que expande a consciência patriarcal para níveis de compreensão mais íntimo, que é possível retomar o *pathos*, este sentimento profundo de coexistência solidária e pacífica com todos os seres e um novo paradigma de convivência com o planeta Terra (BOFF, 2004, p.116), corroborando Fromm (1069, p. 97)

A exemplo de outros autores que também versaram sobre as ressonâncias do cuidado, Leonardo Boff não hierarquiza estas condições básicas, entretanto, percebe-se o quanto sua atenção está voltada para a trilhar o caminho na direção de ressignificar o amor como um fenômeno biológico e cósmico, uma força de comunhão e pertença para além da alienação e espetacularização dos sentimentos. O amor passa a ser reescrito enquanto projeto de liberdade (BOFF, 2004, p. 111)

Compreender o amor como estratégia de libertação, para além dos pressupostos racionais, é legitimá-lo como poderosa estratégia transformadora da realidade, produtora de saúde e uma perspectiva ampliada de cura como nos salienta Fromm (1969, p. 87) A justa medida do amor como ressonância do cuidado dá origem à situações existenciais concretas como a compaixão, ternura e a cordialidade, essenciais para captar a dimensão holística do ser, suas necessidades e suas manifestações, operando também como recurso ao profissional da saúde para estabelecer em suas práticas a superação da impessoalidade burocrática e da interrupção criativa dos circuitos mercadológicos na determinação das práticas de saúde.

Considerações Finais

O problema maior que foi colocado neste trabalho relaciona-se intimamente com o percurso teórico e pessoal de Leonardo Boff. As inúmeras desconstruções e rupturas no pensamento do teólogo brasileiro correspondem aos seus anseios pessoais

e ao que ele procurou metologicamente expor em sua extensa produção teórica, isto é, como a crise do logos acarretou a unilateralidade das discussões e condutas, acarretando uma crise ética-ecológica sem precedentes na história humana.

Procuramos demonstrar neste trabalho, cuja hipótese inicial está centralizada na primeira parte deste artigo, que a superação desta crise global também tem seu imperativo nos espaços de produção de saúde, podendo ser solucionada em um ethos que garanta a centralidade da cultura humana a partir do cuidado e também na combinação de elementos que favoreçam a compreensão holística da realidade e das relações humanas, tais como a razão analítica com a fantasia, da obrigação com a ludicidade, dos arquétipos do feminino com o masculino e da poesia com a técnica, a fim de harmonizar a polarização da consciência e o ódio político.

A guisa de conclusão, pretendeu-se contribuir para discussões no âmbito acadêmico que estejam sensibilizadas com o cuidado enquanto um eixo estruturante e centralizador de um paradigma para profissionais da saúde e que seja compatível com as especificidades da realidade latino-americana, contrabalanceando a hegemonia da razão analítica e os excessos da hierarquia e burocratização, vislumbrando a ressignificação de outros projetos de com-vivência, civilização e práticas em saúde.

REFERÊNCIAS

BHABAHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

BRAGA, Pedro Gross Saturnino Direitos Humanos na perspectiva dos povos tradicionais. **Dignidade Re-Vista**, n.1, v.1.2016.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder. Ensaios de eclesiologia militante**. São Paulo: Ática. 1994.

_____**Saber Cuidar. Ética do humano- compaixão pela terra.** Petrópolis: Editora Vozes. 2004

_____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2008

_____. **Do iceberg à Arca de Noé. O nascimento de uma ética planetária.** Rio de Janeiro: Garamond. 2002

CATOIA, Cinthia de Cassia et al. Caso "Alyne Pimentel": Violência de Gênero e Interseccionalidades. **Revista Estudos Feministas**, v.28, n.1. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n160361

DUSSEL, Enrique. 1492**: O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade**. Vozes. 1993.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação. Na idade da globalização e exclusão**. Petropólis: Vozes. 2000

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões**. Vozes. 2008.

FROMM, Erich. **A sobrevivência da humanidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1966

_____. **A revolução da esperança**. **Por uma tecnologia humanizada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1969.

GESTEIRA et al. Assistência à mulher em processo de abortamento provocado: discurso de profissionais de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 21, n. 3, 449-453. 2008

KYRILLOS, Gabriela M; SIMIONI, Fabriane. Raça, gênero e direitos humanos na política externa brasileira no governo bolsonaro (2019-2021). **Revista Direito e Praxis,** v. 13, n.03. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/68535

MARTÍN-BARO, Ignácio. **Crítica e libertação na psicologia. Estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes. 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona. 2014.

PANSARELLI, Daniel. **Filosofia e práxis na América Latina: Contribuições à Filosofia contemporânea a partir de E. Dusse**l. 2010. 243f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

RIBEIRO, Clea Regina. De Oliveria. O mito do cuidado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 123–124, jan. 2001.

SERRA, Maiane Cibele de Mesquita; BATALHA, Glaucia Fernanda Oliveira Martins. Do Poder Interdisciplinar ao Biopoder: Medicalização do Parto a partir da incidência de cesárias. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v.5, n.2, 74-95. 2019.

SCHRAMM, Fermin Roland. **A terceira margem da saúde. Ética natural, complexidade, crise e responsabilidade no saber-fazer sanitário**. Brasília: Editora UNB. 1996

UNDERWOOD, Richard A. **Mito, sonho e a vocação da filosofia contemporânea**. IN: Mitos, sonhos e religião [org.]. Rio de Janeiro: Ediouro. 2001